

**EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA  
DO POEMA "CARNAVAL DE MUNDO NOVO",  
DE EULÁLIO MOTTA**

*Maria Rosane Vale Noronha Desidério* (UEFS)

[vale123456r@gmail.com](mailto:vale123456r@gmail.com)

*Patrício Nunes Barreiros* (UEFS)

[patricio@uefs.br](mailto:patricio@uefs.br)

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é apresentar a edição crítico-genética do poema "Carnaval de Mundo Novo" que compõe o *corpus* do projeto em desenvolvimento que se propõe a realizar uma edição crítico-genética e estudo do processo criativo na poesia avulsa do poeta baiano Eulálio de Miranda Motta. O *corpus* ora apresentado está preservado no acervo do escritor e é composto por dois testemunhos que foram burilados pelo autor, mostrando assim, o caminho percorrido por este em seu processo de escrita. A edição toma como base os pressupostos teóricos da crítica textual (SPINA, 1977; BARREIROS, 2012); da crítica genética (GRÉSILLON, 2007; WILLEMART, 2007); dos estudos acerca dos acervos de escritores (BORDINI, 2005; HAY, 2007) e nos critérios de edição elaborados por Patrício Nunes Barreiros (2012 e 2015). A edição da poesia avulsa de Eulálio Motta abre caminhos para que esse rico material esteja disponível a novos estudos. Além de viabilizar que à memória social e literária da Bahia do século XX seja preservada e partilhada com a sociedade presente.

**Palavras chaves:** Edição crítico-genética. Poesias avulsas. Eulálio Motta.

**1. Introdução**

O artigo apresenta a edição crítico-genética do poema "Carnaval de Mundo Novo". Este poema faz parte do dossiê das poesias avulsas escritas entre 1940 a 1983, pelo poeta baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988). Trata-se de um conjunto de poemas manuscritos ou datilografados em folhas soltas e muitos ainda se encontram inéditos. No dossiê dos avulsos, contém textos monotestemunhais e politestemunhais. Os primeiros são manuscritos ou datiloscritos com rasuras e emendas que revelam a gênese dos poemas. No caso dos politestemunhais, há diversos testemunhos que revelam variantes autorais e da tradição impressa. O poema "Carnaval de Mundo Novo" possui dois testemunhos que foram burilados por Eulálio Motta, permitindo rastrear as escolhas feitas pelo autor em sua escrita.

A edição do poema "Carnaval de Mundo Novo" está alicerçada nos pressupostos teóricos da crítica textual (SPINA, 1977; BARREIROS,

2012); da crítica genética (GRÉSILLON, 2007; WILLEMART, 2007); dos estudos acerca dos acervos de escritores (BORDINI, 2005; HAY, 2007) e nos critérios de edição elaborados por Patrício Nunes Barreiros (2012 e 2015). A edição crítico-genética mostrou-se adequada porque permitiu a construção de um aparato de variantes autorais e possibilitou demonstrar o movimento de escrita do texto.

O trabalho de edição da poesia avulsa de Eulálio Motta é relevante por trazer a lume um poeta emblemático de sua região – Mundo Novo, que, através de sua escrita, imprimiu sua opinião e movimentou o cenário cultural e político de sua cidade. Além disso, o trabalho de edição dessa documentação lança luz sobre a literatura do interior do estado que difere da poesia realizada na capital da Bahia do século XX.

Espera-se que a edição deste documento abra caminhos a novos estudos da poesia avulsa de Eulálio Motta, possibilitando compreender mais claramente a estética literária do interior da Bahia e as ideologias circulantes no Brasil de meados do século XX.

## **2. *Eulálio Motta e sua poesia***

Eulálio de Miranda Motta é um poeta do município de Mundo Novo, interior do Estado da Bahia. Nascido em 14 de abril de 1907 e falecido em outubro de 1988. Sua vida foi marcada pela escrita que traz as marcas do ambiente em que ele viveu. Destaca-se em sua poesia o cenário rural, principalmente as fazendas Vaca Parida e Morro Alto, lugares onde passou a infância e parte da adolescência; as vilas Alto Bonito e Monte Alegre e a cidade de Mundo Novo com suas belezas. Questões sociais, políticas, religiosas e filosóficas estão presentes na poesia de Eulálio Motta.

O poeta Eulálio Motta iniciou sua escrita poética ainda na adolescência, período em que se mudou da vila de Alto Bonito para Monte Alegre, onde se apaixonou por uma jovem chamada Edy que motivou a escrita de muitos poemas. Esse primeiro amor de Eulálio Motta foi rompido quando ele foi morar em Salvador, com o objetivo de dar continuidade aos estudos. Edy permaneceu em Monte Alegre onde veio a se casar tempos depois. Ao retornar de Salvador o poeta encontra sua amada casada. Desse modo, ele decidiu permanecer solteiro e transforma a sua frustração amorosa na mais presente temática de sua obra poética – a mu-

lher amada. Na maioria das poesias acerca desta temática aparece um misto de frustração, arrependimento e mágoa.

Embora a mulher amada seja o tema mais frequente da poesia de Eulálio Motta, este não foi o único tema abordado por ele na poesia. Motta foi um homem engajado nas questões sociais e políticas de seu município e, por isso, poemas que retratem dos costumes populares, festas e denúncias ou cobranças por melhorias para o seu município também são encontrados com certa frequência. Mesmo os poemas de cunho social e memorialísticos têm um tom saudosista que relembra a infância e um tempo em que existia a felicidade.

A melancolia do eu-lírico geralmente está ligado ao amor frustrado, colocando neste sentimento não concretizado a culpa pelos infortúnios de sua vida. Isso transforma o eu-lírico em um eterno aprisionado ao passado e condenado ao tédio e à desesperança.

Em seu poema *Epitáfio*, o poeta Eulálio Motta deixa transparecer um sentimento profundamente desesperançado e triste diante de uma juventude que passou e não pode ser vivida como ele gostaria:

Uma vida sem vida, minha vida...  
Quando eu morrer...  
Um epitáfio seria adequado:  
“Aqui jaz alguém  
Que nasceu condenado  
A olhar a vida  
Sem poder viver!”

(MOTTA, 2012 [1983], p. 28)

Também figura entre os poemas de Eulálio Motta a temática religiosa. O poeta, após um período de questionamento das religiões, torna-se um católico fervoroso, ao ponto de protagonizar acaloradas discussões e defender publicamente o catolicismo. Eulálio Motta era integralista o que explica a sua defesa da fé católica. Defender o catolicismo seria para ele defender o Brasil e a família e essa defesa, naturalmente, seria acima de tudo, defender o integralismo.

Através de sua escrita Eulálio Motta movimentou o cenário literário e político de sua região. Foi muitas vezes porta voz de ideologias políticas, em particular a defesa do integralismo e da ditadura de 1964. Seus textos cheios de ironias circulavam pelas mãos do povo, seja por meio dos jornais ou através dos panfletos, carregando poemas e outros gêneros textuais que denunciavam, cobravam benefícios para a cidade e, princi-

palmente, movimentava as discussões locais. Segundo palavras do próprio Eulálio Motta “Tenha ou não tenha jeito, precisamos gritar, escrever, publicar, escandalizar!” (MOTTA, 2015 [1966], p. 78)

Segundo Patrício Nunes Barreiros (2015, p. 77), “[...] Eulálio Motta criou um espaço de comunicação com o público e influenciou na política de Mundo Novo, provocando polêmicas que desencadearam em debates memoráveis”. Assim, estudar a obra desse escritor emblemática para sociedade de Mundo Novo do século XX é trazer à tona a memória social e literária daquele tempo. O que nos permitirá compreender mais claramente as ideias que eram fomentadas no interior do estado da Bahia e as particularidades da literatura interiorana que se desenvolveu nesse período.

### 3. *O acervo de escritores*

O arquivamento da memória através de objetos guardados em estantes e gavetas é um hábito social. Segundo Reinaldo Marques (2015, p. 193) “os indivíduos arquivam suas vidas como um mandamento social”. E ao arquivar papéis, fotos, documentos pessoais, diários entre outros objetos as pessoas acabam por arquivar a si mesmas. É o que Reinaldo Marques (2015) denominou de arquivamento do eu.

Esse arquivamento não ocorre, naturalmente, sem uma intencionalidade. Ao guardar a memória de si mesmos os sujeitos selecionam o que será mantido em seus acervos e o que será descartado. Pois tudo o que fica guardado nas estantes e gavetas constituem uma imagem de quem o arquivou. Assim, os arquivadores constroem, de certa maneira, uma identidade a ser preservada para a posteridade, já que são responsáveis pelas escolhas que fazem, ao guardar ou descartar seus objetos pessoais.

Se os acervos são reveladores de uma identidade pessoal, guardando uma memória que fatalmente extrapola o individual, os acervos dos escritores então se tornam fundamentais para se compreender a obra de um escritor.

Segundo Maria da Glória Bordini (2005, p. 20):

A complexidade de elementos, funções e decisões participantes do processo de produção e recepção da obra literária nas configurações e refigurações intra e extratextuais que ela apresenta encontra nos acervos documentais que preservam a memória literária sua comprovação objetiva. Nos acervos le-

gados por um escritor estão presentes indícios materiais de toda espécie de elementos que a produtividade literária mobiliza.

O acervo de um escritor guarda não somente sua memória particular, mas também os rastros de sua produção escrita. Sua biblioteca pode revelar as ideias e ideologias que o titular do acervo se filia. Os bilhetes e principalmente as cartas recebidas ou cópias de cartas enviadas a terceiros podem esclarecer aspectos de uma obra que não podem ser revelados nos textos impressos e publicados, tornando pública muitas vezes, as influências de outros na obra de um escritor. O que segundo Marcos Antônio de Moraes (2006, p. 66) aponta para uma instabilidade na própria noção de autoria.

O acervo também pode guardar as muitas campanhas de escrita do autor, ou seja, os rascunhos e esboços das obras. Esses testemunhos dos textos geralmente são silenciados em gavetas, pastas ou armários e por muito tempo não teve a devida atenção dos estudos literários. Porém, nos últimos anos, ao se debruçarem sobre os rascunhos juntamente com os demais documentos e objetos do acervo, os estudiosos observaram que estes funcionam como bússolas para que se compreenda os caminhos percorridos pelo autor em sua escrita. O que clarifica a compreensão do processo de escrita de uma obra.

O acervo do poeta baiano Eulálio Motta também possui uma diversidade de documentos, não apenas seus, mas de terceiros que permitem vislumbrar os bastidores de seu fazer literário. Eulálio Motta arquivou a si mesmo através de fotos, cartas, cadernos, documentos pessoais e objetos outros.

Segundo Patrício Nunes Barreiros (2015, p. 30):

O exame do acervo e da produção intelectual de Eulálio Motta demonstra que o escritor consultava constantemente o material arquivado, utilizando os documentos como fontes para elaboração de novos textos ou para planejar novas publicações. Isso indica que o acervo tinha uma funcionalidade prática, relacionada às suas atividades como escritor, não se tratava apenas de uma coleção de lembranças do passado.

Ao examinar o acervo de Eulálio Motta observa-se inúmeras fotografias do cotidiano da cidade de Mundo Novo, da fazenda, de familiares e do próprio Eulálio Motta. Essas imagens também aparecem em seus poemas, revelando a ligação entre o acervo e a obra literária. Eulálio Motta guardou também os seus rascunhos. Estes estão em cadernos, panfletos ou soltos em papeis avulsos, o que nos permite traçar um caminho para o seu fazer literário.

O hábito de arquivamento do eu do poeta Eulálio Motta legou à posteridade um acervo rico que preservou a memória de Mundo Novo do século XX.

#### **4. A edição crítica e genética**

Ao longo dos séculos, a filologia tem se debruçado sobre a materialidade do texto a fim de preservar e garantir que a humanidade tenha acesso aos textos com segurança e confiabilidade. Os primeiros trabalhos com teor filológico foram identificados a partir do século III a. C. na biblioteca de Alexandria. Trata-se do esforço de estudiosos para salvaguardar os textos do poeta grego Homero. Sua obra e a de outros autores da época eram copiadas sem nenhum tipo de critério, de maneira que as cópias estavam cada vez mais distantes do conteúdo original. Segundo Segismundo Spina (1977, p. 61), diante dos problemas relacionados à autenticidade dos textos, eruditos buscaram

[...] restaurar os textos literários antigos, tornados ininteligíveis às gerações da época, sobretudo os poemas épicos de Homero – recuados cinco séculos e conhecidos através de versões discrepantes, lacunosas, desfiguradas por erros e interpolações

O trabalho realizado pelos primeiros filólogos não possuía um método específico. De maneira que, cada filólogo utilizava critérios pessoais em suas edições. Apesar da falta de critérios rigorosos, essa primeira iniciativa foi relevante por estabelecer o nascimento de um ramo do conhecimento que somente no século XIX adquiriu caráter científico.

Essa feição científica veio com a divulgação do trabalho de Karl Lachmann. Ele conferiu a filologia uma metodologia que buscava confrontar das variantes discrepantes de um texto a fim de identificar o manuscrito que mais se aproximava do original perdido. Segismundo Spina (1977, p. 66) afirma que com esse trabalho “Lachmann revelou-se assim um marco decisivo na constituição da crítica textual. E por esta razão este é considerado o fundador da crítica textual moderna, que é um desdobramento da filologia. Pois, segundo Luiz Fagundes Duarte (2012, p. 53) “[...] A crítica textual tradicional existe, de fato desde a Antiguidade Clássica, e a sua história reflete a evolução da relação do filólogo com o texto e, de um modo particular, com o manuscrito”.

Já no século XX, a filologia se depara com um novo contexto. Não mais se faz necessário restaurar o original perdido, já que o filólogo não lida mais com cópias feitas por terceiros de um dado documento. Os

documentos a serem editados agora são autógrafos, ou seja, da própria mão do autor. O acervo se abre ao filólogo que busca apresentar o texto acompanhado de variantes autorais e as modificações apresentadas em sua tradição impressa, conforme o caso. O editor pode identificar, em meio aos vários testemunhos do acervo, aquele que represente a última vontade do autor ou editar todos os testemunhos considerando a história primordial dos textos. Caso o editor opte por apresentar uma edição crítica, escolhe-se um testemunho e se registra no aparato as variantes. O interesse da crítica textual é identificar a última versão do documento a ser editado e os testemunhos servem apenas para identificar as variantes.

Segundo Patrício Nunes Barreiros (2015, p. 157):

Durante o século XX, o método lachmaniano foi questionado e adaptado às novas realidades textuais, ao lidar com textos autorais. Assim, não se busca mais o original perdido, mas a recuperação do “ânimo autoral” diante da pluralidade dos testemunhos autógrafos. Mas ainda o que prevaleceu nessa abordagem foi a busca pelo estabelecimento do texto, limpo das violações, erros e rasuras, ocorridas no curso da história da transmissão do texto.

Porém, mais recentemente, os filólogos voltaram seu olhar para os testemunhos que eram antes vistos apenas como portadores de variantes no processo de estabelecimento do texto base. Estes testemunhos geralmente contém as rasuras, os erros, as desistências do autor e, portanto, seu processo de escritura. A inclusão de todos os testemunhos de uma obra no processo de edição possibilitou visualizar o texto em seu processo de escrita, em sua gênese. Quando a edição crítica descarta essa documentação, uma infinidade de informações fica silenciada no texto base. Inclusive, a compreensão de que o texto não é finito nem tão pouco o ato de escrever é uma ação instantânea. O manuscrito, nesta perspectiva, instaura a ideia de escrita inacabada. Vista até então como um fracasso, mas que nas edições genéticas adquirem novo valor.

Segundo Louis Hay (2009, p. 225):

[...] a crítica genética inverte a perspectiva e faz vacilar um certo número de conceitos críticos entre os mais estabelecidos: os da comunicação estética, da obra, do próprio texto. E por um movimento inverso, ela dá relevo a noções que não existiam senão como ausência, no estudo dos fatos literários.

A noção de inacabado é um claro exemplo disso, ela só é admitida nas pesquisas sobre o texto como a marca de um fracasso ou, no melhor dos casos, como um acidente que impediu a realização de uma obra – isto é, de um objeto legítimo da crítica. E até estes últimos anos, só os escritores falavam (de algum modo, entre eles) do inacabamento como de uma realidade inerente ao ato de escrever.

A rasura se transforma em uma fresta por onde o crítico pode enxergar as escolhas feitas pelo escritor em seu processo de escrita. Para Almuth Grésillon (2007, p. 97) “a rasura é simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos”. E o filólogo se debruça sobre esses vestígios a fim de descobrir o que o texto final cimentou.

O acervo do escritor assim ganha fundamental importância na edição genética. Pois é no acervo que os prototextos estão guardados, além do documento a ser editado e seus testemunhos. O acervo guarda em seu material paratextual uma infinidade de informações que podem ajudar o filólogo a empreender sua edição e compreender o documento e o processo de sua feitura.

Ao se referir ao material paratextual do acervo e sua importância para o estudo da obra do autor Eliane Vasconcellos (2010, p. 21) diz que “[...] Este material possibilita restaurar o processo de criação, ou ajuda a proceder ao preparo de edições fidedignas, críticas ou genéticas”. O que, segundo a autora desmistifica a ideia da produção textual como um trabalho de inspiração. Na verdade, a escrita é um processo e os rascunhos nos revelam as etapas desse processo.

A percepção do acervo como um laboratório cheio de pistas a serem decifradas é de grande importância para os estudos literários. A leitura da obra através da documentação paratextual que a rodeia torna-se muito mais completa e esclarecedora.

##### **5. A edição do poema "Carnaval de Mundo Novo"**

O poema "Carnaval de Mundo Novo" retrata uma festividade bastante popular no Brasil e também na cidade de Mundo Novo – o carnaval. Eulálio Motta neste poema exalta essa festa como uma tradição popular que envolve pessoas de todas as idades. Estas têm como único objetivo divertirem-se em um momento de lazer e explosão de alegria pacífica. Este poema guarda em si a memória da cidade e, portanto, trata-se de um documento com muitas significações, pois dá visibilidade à memória social de uma Mundo Novo da segunda metade do século XX, com sua cultura popular e sua memória. Nesse sentido, a edição deste documento possibilita que a sociedade atual tenha acesso não somente ao poema em si, mas também a essa memória que estava até o momento guardada no acervo do escritor.



### 5.1. Tipo de edição

O documento a ser editado possui dois testemunhos, por isso faz-se necessário uma edição crítica a partir de um testemunho elevado à condição de texto de base. Isso será possível por meio dos pressupostos estabelecidos pela crítica textual. Foi identificado, contudo, que o autor burilou o seu texto, deixando assim, pistas de seu processo criativo. Assim, essa edição busca, além de estabelecer o texto base, compreender os caminhos percorridos pelo poeta em seu processo de escrita. Para tanto, lança-se mão de uma edição crítico genética, pois esta nos permite tanto estabelecer o texto base como rastrear o processo de escrita do autor.

Para empreender esta edição foram selecionados os procedimentos a seguir:

- a) Descrição dos testemunhos;
- b) Atribuição de um código para cada Testemunho, a fim de nortear a estrutura do aparato, permitindo que o leitor tenha mais clareza na leitura da edição;
- c) Justificar a escolha do texto base;
- d) Analisar as variantes;
- e) A apresentação do texto crítico procederá da seguinte maneira:
  - (i) As linhas são numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
  - (ii) O aparato à margem esquerda corresponde a cada linha do texto, sendo sinalizadas as variantes, em negrito, de cada um dos testemunhos indicados por meio do código previamente estabelecido na descrição dos testemunhos” ( SANTOS, 2016, p. 82);
  - (iii) Foi sinalizada a correção ortográfica no aparato.
  - (iv) Foram utilizados no texto os operadores genéticos a seguir para sinalizar o processo de escrita do documento: { } – seguimento riscado, cancelado; { † } / \ segmento ilegível substituído por outro legível na relação {ilegível} /legível\;

5.1.1. *Descrição física dos testemunhos*

Há dois testemunhos do poema "Carnaval de Mundo Novo". Portanto, cada testemunho descrito será identificado com um código.

**CMN 1**

A folha mede 218mm de largura por 328mm de altura. A mancha escrita corresponde a 35 linhas. O poema é composto por sete estrofes, sendo que a penúltima foi cancelada. A última estrofe encontra-se no verso do documento. O poema possui rasura e cancelamento da última estrofe. A cor da tinta de escrita do documento é azul. O documento está conservado, embora a estrutura do papel esteja com aspecto amarronzado e com algumas pequenas manchas pretas nas margens direita e esquerda. Trata-se de um manuscrito.

**CMN2**

A folha mede 212mm de largura por 328mm de altura. A mancha escrita corresponde a 28 linhas. O poema é composto por seis estrofes. Não há rasuras, acréscimos ou correção do autor. A tinta de escrita do documento é azul. Há também um risco na cor vermelha na margem direita do papel. O documento está conservado, embora o papel esteja com aspecto amarronzado. Trata-se de um manuscrito.

5.1.2. *Seleção do texto de base*

Os dois documentos foram escritos no mesmo dia – 24/02/79. De maneira que, a escolha do texto base não teve como critério a datação. Observou-se, contudo, que o documento CMN2 aparece sem rasuras ou cancelamentos. E os termos cancelados no CMN1 já não se verificam mais no CMN2. O que nos permite compreender que o CMN2 corresponde ao texto base, à última vez em que o autor voltou ao seu texto. E, portanto, este foi selecionado como o texto base desta edição crítico-genética.

CARNAVAL DE MUNDO NOVO  
 Para Sr. Cleverton

TAIO LIRA Tá na rua!  
 chega a alegria do povo!  
 Bota fogo, pega fogo,  
 Carnaval de Mundo Novo!

Crianças, jovens e velhos,  
 todo mundo está pulando  
 nas ruas de Mundo Novo  
 com TAILO LIRA tocando!

Desta vez não fui pra Moço.  
 Vou agora, com emoção,  
 Carnaval de Mundo Novo,  
 Carnaval de Tradição!

Muito velhote radio  
 na moçada se inventa  
 que tristeza deu o fora,  
 alegria tá na rua!

A tristeza tomou férias!  
 Só férias de quatro dias  
 com TAILO LIRA tocando  
 e derramando alegrias!

Loira velha renovada  
 dá a alegria do povo!  
 Bota fogo na moçada!  
 Carnaval de Mundo Novo!

Lidia  
 24-2-73

Fig. 1- Manuscrito do poema "Carnaval de Mundo Novo" (CMN2)

*Texto crítico com o aparato*

CARNAVAL DE MUNDO NOVO

CMN1 - **CARNAVAL DE MUNDO NOVO**

Para Dr. Cleverson

CMN2 - **CARNAVAL DE MUNDO NOVO**

- TRIO LIRA tá na rua!  
chega a alegria do povo!
- 5 Pegou fogo! pegou fogo,  
carnaval de Mundo Novo!
- CMN1 – **fôgo**, / **fôgo**, CMNN2 - **fôgo!** / **fôgo**
- Crianças, jovens e velhos,  
todo mundo está pulando  
nas ruas de Mundo Novo”  
com TRIO LIRA tocando!
- CMN1 - jovens, { } e velhos, CMN2 - jovens e velhos,  
CMN1 – Mundo Novo CMN2 – Mundo **Novo**”
- 10 Desta vez não fui pra roça.  
Vejo agora com emoção,  
carnaval de Mundo Novo,  
Carnaval de tradição!
- CMN1- **carnaval** CMN2- **Carnaval**
- Muito velhote vadio  
na moçada se insinua  
que tristeza deu o fora  
alegria tá na rua!
- 15 CMN1 CMN2 **insinúa**
- A tristeza tomou férias!  
São férias de quatro dias  
com TRIO LIRA tocando!  
e derramando alegrias!
- 20 CMN1 **Trio Lira** CMN2 **TRIO LIRA**
- Lira velha renovada  
faz alegria do povo!  
Bota fogo na moçada!  
Carnaval de Mundo Novo!
- 25 CMN1 {O carnaval é de todos!  
O carnaval é do povo!  
Pegou fôgo, pegou fogo  
carnaval de Mundo Novo!}
- [Liota]  
24-2-79
- [Liota]  
24-2-979
- VIRE
- CMN1 {†} / **fez** \ CMN2 **faz**  
CMN1 **fogo** CMN2 **fôgo**
- CMN1 **24-2-979** CMN2 **24-2-79**

### 5.1.3. *Análise das variantes*

A edição dos testemunhos evidenciou mudanças relativas a variações de maiúsculas e minúsculas de algumas palavras, variação de acentuação, mudança de tempo verbal, o título do testemunho CMN1 sublinhado o que não ocorre no testemunho CMN2. Mas a mudança mais significativa entre os dois testemunhos é o cancelamento para reescrita da penúltima estrofe do testemunho CMN1. Observa-se que o autor após a escrita da penúltima estrofe do testemunho CMN1 data o documento e após esta datação o autor escreve outra estrofe e volta a datar o texto. Estas duas estrofes do testemunho CMN1 possuem sentido equivalente. O que nos permite inferir que a penúltima estrofe não foi totalmente cancelada, mas sim reescrita. Por isso, o autor data novamente o texto ao acrescentar a última estrofe. E ambas estas datas são do mesmo dia. O que reforça a hipótese de que o que de fato houve foi uma reescrita da estrofe que aparece como cancelada no testemunho CMN1. No documento CMN2 o que aparece, portanto é essa reescrita.

O testemunho CMN1 figura como um rascunho deste documento. A sua análise em comparação com o testemunho CMN2 nos permite enxergar as movimentações escriturais de Eulálio Motta na escrita do poema ora editado. Se o testemunho CMN1 fosse descartado não se tomaria conhecimento desta estrofe cancelada nem tão pouco das demais variações encontradas nesta edição.

## 6. *Considerações finais*

O trabalho filológico de edição do poema "Carnaval de Mundo Novo" foi de fundamental importância para que este pudesse vir a público. E assim, o documento ser retirado do silêncio do acervo a fim de que se torne coletivo, partilhado pelos mais variados públicos o que abre caminho para que seja posteriormente estudado no âmbito da linguística, da literatura e até mesmo em outras abordagens filológicas.

O poema "Carnaval de Mundo Novo" representa um recorte da memória pessoal do poeta Eulálio Motta e também social, já que traz elementos do ambiente sociocultural de seu tempo. Assim, sua edição é também um mecanismo de preservação da memória coletiva. Essa memória que, por vezes, tem como único mecanismo de preservação a materialidade de um texto escrito.

O estudo no acervo do poeta permitiu encontrar os testemunhos do documento ora editado e ao se debruçar sobre estes, a fim de empreender sua edição, pode-se rastrear os passos do autor em busca de um texto que expressasse com agudeza e precisão aquilo que o autor queria dizer e eternizar através da palavra escrita. Além disso, estudar esse processo de escrita possibilita compreender o caráter aberto do texto. Este não pode ser encarado como pronto e definitivo, esquecendo-se dos rascunhos, dos demais testemunhos, pois a escrita não se faz em um momento. Ela requer tempo e não está isenta de hesitações e desistências.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da Roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2015.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, vol. 11, p. 15-23, dez. 2005. Disponível em:

[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_e\\_a\\_roda/article/view/3174/3120](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/view/3174/3120)>. Acesso em: 21-07-2017.

DUARTE, Luiz Fagundes. Entre Penélope e Euriclea. In: TELLES, Célia Marques; BORGES, Rosa. *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MORAIS, Marcos Antônio de. *Mario de Andrade: epistolografia e processo de criação*. *Manuscrita*, n. 14, p. 65-70. 2006. Disponível em:

<http://revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/1017/926>>. Acesso em: 21-07-2017.

VASCONCELLOS, Eliane. Manuscritos literários e pesquisa. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. vol. 45, n. 4, p. 20-24, out/dez. 2010. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/8548/6062>>. Acesso em: 21-07-2017.

SANTOS, Taylane Vieira dos; BARREIROS, Patrício Nunes. Edição do poema "Recordação de Monte Alegre": uma das canções dos caminhos de Eulálio Motta. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, vol. 17, n. 1, p. 77-89, 2016. Disponível em:

<<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/1446/pdf>>

Acesso em: 21-07-2017.

SPINA, Segismundo. *Introdução a edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.